

Ligeireza nas armas ligeiras

DESDE 1990, mais de dois milhões de crianças foram mortas e mais de seis milhões ficaram feridas em guerras diversas. A esmagadora maioria vitimada por armas ligeiras e de pequeno calibre. Em África e noutras regiões, longe das câmaras e da nossa atenção, são no dia-a-dia estas as armas que alimentam os conflitos e espalham a morte, cimentando a reputação de verdadeiras ADM (armas de destruição maciça) nos países mais pobres do planeta.

A facilidade em transportar e produzir estas armas torna-as particularmente apreciadas no comércio, lícito e ilícito. A sua leveza incentiva o recrutamento de crianças-soldados, uma das implicações mais repugnantes do comércio destas armas, particularmente comum na região dos Grandes Lagos em África.

Sabemos como a paz e a segurança são inseparáveis do desenvolvimento sustentável. Os países do G8, os mais ricos do mundo, gastam em «ajuda oficial ao desenvolvimento» 63 mil milhões de Euros por ano, suportando a Europa mais de metade. Mas ao mesmo tempo, entre 2002 e 2005, por exemplo, os países europeus foram responsáveis por mais de metade do valor dos acordos de exportação de armamento para o continente africano: dois mil milhões de euros. Muitos destes negócios de exportação de armamento são feitos com países ditos estáveis, como o Egípto e a África do Sul. Mas a verdade é que a exportação legal e ilegal de armas ligeiras por países europeus e outros (especialmente a China e a Rússia) contribuiu em muito para desfazer rapidamente aquilo que foi construído em décadas de cooperação para o desenvolvimento.

Muito depende de se regulamentar a exportação legal de armamento de forma a evitar que este caia nas mãos erradas. A União Europeia tem assumido a liderança internacional nesta matéria, no quadro do Programa das Nações Unidas contra o comércio ilegal destas armas. Em 1998, foi criado um Código de Conduta de Exportação de Armamento da UE, cuja sofisticação e eficácia aumenta de ano para ano e cujos relatórios anuais descrevem minuciosamente as exportações de armamento que cada Estado-membro declara. Mas há exportações não declaradas. Na verdade, o Código é um compromisso político de boas intenções: não é ainda juridicamente vinculativo, como tem in-

sistentemente recomendado o PE. E alguns Estados-membros (Portugal incluído) consideram até que «já se cumpre bem».

O sistema nacional de controlo de exportação de armamento é complexo, já que assenta numa distinção importante, mas difícil de operar, entre armamento militar (da responsabilidade do ministério da Defesa Nacional) e o resto (da responsabilidade da PSP/ministério da Administração Interna). Existe o sério risco das exportações de armas ligeiras e de pequeno calibre que não são consideradas de «utilização militar» escaparem a critérios políticos, estratégicos e acima de tudo, humanitários, quando são apreciadas para efeitos de autorização. Um exemplo: entre 1998 e 2003 foram exportadas armas de fogo para fins não militares para o Líbano, no valor de 460 mil dólares. Pode tratar-se de uma exportação «inocente». Ou talvez não.

Suscita também interrogações o elevado número de armamentos (potenciais exportadores) acreditados no MDN e na PSP. Como se explica o facto de estarem registados mais de 400 em Viana do Castelo que produz armas ligeiras e é suposto exportar para a casa-mãe, na Bélgica, boa parte do que fabrica? Quem são estes numerosos armeiros registados? Quem controla realmente o que exportam, quando e para onde? Estas questões precisam de ser esclarecidas, tanto mais que Portugal é um dos poucos países da União Europeia que ainda não estão a aplicar uma posição comum do Conselho Europeu (de 2003!) sobre a intermediação de armamento, sendo a nossa legislação nesta área completamente insuficiente para lidar com um sector cada vez mais transnacional e cada vez menos escrupuloso.

Quem não pode eximir-se de exercer controlo político nesta área é o MNE, que deve transmitir aos outros departamentos do Estado as linhas mestras da política de exportação de armamento portuguesa (se é que existe), muito além do mero cumprimento de embargos de armas e que tem de assegurar o respeito do Código de Conduta da UE.

Como portugueses e europeus temos que ser inatacáveis neste domínio. Só assim podemos pretender que a UE lidere os esforços globais na área do desarmamento convencional. E só assim podemos pretender sermos coerentes na aplicação das estratégias europeias para África e em favor do desenvolvimento.



ANA GOMES

Eurodeputada socialista e ex-dirigente do PS com Ferro Rodrigues, nasceu em Lisboa há 52 anos. Diplomata formada em Direito, foi consultora de Eanes em Belém e representou Portugal na ONU, Tóquio e Londres. Destacou-se na secção de interesses de Portugal na Indonésia (e tornou-se embaixadora), pela defesa do povo de Timor-Leste.

GENTE D'AMANHÃ

STEF PENNEY

Primeiro prémio



AOS 37 anos, esta argumentista natural de Edimburgo acaba de obter, com o seu primeiro romance, um dos mais prestigiados prémios literários

britânicos. Laureado com o Costa Book of the Year (anteriormente Whitbread), *The Tenderness of Wolves* (A Ternura dos lobos, editado pela Quercus) «descreve de forma brilhante a vida no Norte do Canadá nos anos 60 do século XIX», relata o *Guardian*. A tal ponto que «os canadianos estavam convencidos de que ela tinha efectuado investigação no local durante semanas», refere, divertido, o *Daily Telegraph*. Mas tudo o que Stef Penney sabe acerca do Canadá aprendeu-o nos livros, porque uma persistente agorafobia a manteve durante muito tempo afastada dos autocarros e ainda mais dos aviões. «Baseou-se em intensivas leituras e numa reconstituição imaginativa do combate para sobreviver em meio selvagem», diz o *Guardian*. O que é que pensa do seu sucesso? «Quando se escreve um primeiro romance, ninguém espera nada de nós, o que dá uma espécie de liberdade. Agora já não terei isso, é pena».

RIMA FAKHRI

Entre os homens



«**A** minha natureza e personalidade constroem-se à volta do Islão», afirma esta militante do Hezbollah nas colunas do semanário italiano *Diario*.

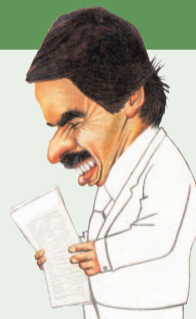
Mãe de quatro filhos, com 40 anos de idade, é engenheira formada pela universidade americana de Beirute. Reivindica a sua militância no seio do Partido de Deus como uma «escolha pessoal». Em 2004, após anos passados na direcção da Associação das Mulheres do Hezbollah, tornou-se a única mulher a entrar para o gabinete político de um movimento até então dominado por homens. «A minha nomeação abre caminho para os militantes acedem aos cargos dirigentes do partido, o que contradiz as descrições do Hezbollah como um movimento conservador e fanático». Rima Fakhri, que agora trabalha com 17 homens, nega qualquer influência do facto de ser mulher nas suas decisões políticas: «As minhas análises de política externa não são influenciadas pela minha condição feminina. Consigo analisar os acontecimentos numa óptica diferente, mas, como militante, não deixo que o meu carácter interfira nas minhas opiniões políticas. Como mulher militante do Hezbollah, devo ser capaz de separar os meus sentimentos das minhas convicções políticas». Embora o logo do Hezbollah — uma mão brandindo uma arma automática — figure em lugar de destaque no seu gabinete, não vive como um soldado, mas sublinha que a sua ligação ao Partido de Deus resulta de uma maneira de pensar, de acreditar.

PALAVRAS DITAS

JOSÉ MARÍA AZNAR,
ex-primeiro-ministro espanhol

● Retardatário

«Toda a gente pensava que existiam armas de destruição maciça no Iraque. Mas não era verdade. Hoje, sei isso», reconheceu, a 8 de Fevereiro, o ex-chefe de governo de direita, que enviou tropas para o Iraque em 2003. *El País*, Madrid



↑ Ilustração de Miquel Ferreres, Barcelona

MARTIN THELEN,
especialista austríaco em política externa

● Fortalecido

«É um sinal encorajador». O docente da *Freiheitliche Akademie*, que forma quadros da extrema-direita populista austríaca, foi um dos dois estrangeiros que assistiram à fundação do novo partido nacionalista búlgaro *Svoboda* (Liberdade), a 10 de Fevereiro, em Sofia. É contra a adesão da Turquia à UE. *Der Standard*, Viena

TIM RALPH,
pastor americano

● Caridoso

«Ele é completamente heterossexual», declarou em relação ao reverendo Ted Haggard, que teve de se demitir da Associação Nacional dos Cristãos Evangélicos Americanos depois de ter sido acusado de frequentar um prostituto. Ralph, um dos quatro pastores que supervisionaram a sua terapia, assegurou que a homossexualidade do reverendo Ted Haggard não tinha passado de um «devaneio». *The Denver Post*, Denver

ALEXANDRE MILINKEVITCH,
opositor bielorrusso

● Determinado

«Quando não se pode vencer pelas eleições, há que procurar a vitória na rua». Embora tenha oferecido a sua colaboração ao Presidente Alexandre Lukachenko «no interesse da nossa Bielorrússia», o principal dirigente da oposição democrática está a tentar, por todos os meios, aniquilar a ditadura no poder. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt

ORESTE SCALZONE,
ex-líder de extrema-esquerda italiano

● Instintivo

«Não posso definir-me como não violento, porque se amanhã houvesse uma revolta, provavelmente estaria disposto a subir para uma barricada e atirar». Palavras do ex-chefe da organização *Potere Operaio*, no seu regresso à Itália, depois de ter passado 25 anos no exílio em França. Tinha sido condenado à revelia em 1983 por roubo à mão armada e crime em bando organizado, antes de beneficiar da prescrição dos seus delitos. *Il Giornale*, Milão

GÉRARD JUGNOT,
actor francês

● Indiscreto

De passagem por Barcelona, para o lançamento em Espanha do seu filme *Boudu*, o actor mais bem pago do cinema francês confidenciou: «Não escrevam isto, mas os vinhos de Gérard Depardieu são horríveis». O «off» não existe visivelmente para lá dos Pirinéus... *La Vanguardia*, Barcelona